

@transmidia: potencialidades das redes sociais digitais na produção jornalística com perspectiva de gênero

André Luiz Lucas da Luz

Paula Melani Rocha

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

A reflexão discute a apropriação da rede social *Instagram* pela prática da produção jornalística com perspectiva de gênero, voltado a um nicho ainda com demandas no campo: a comunidade transexual. *@transmidia* é o resultado de uma pesquisa aplicada em Jornalismo, desenvolvida durante o ano de 2017, a qual fundamentou-se em conceitos de jornalismo online, mídias digitais e estudos de gênero. O objetivo foi testar as potencialidades de produção e publicação de conteúdos sincronizados em redes, com testes de formatos e narrativas convergentes na constituição de quatro blocos de pautas temáticas. O estudo apontou as possibilidades que o *Instagram* pode provocar no campo do Jornalismo, sobretudo em humanizar informações e propiciar o debate público sobre transexualidade, livre de estereótipos. Com esse objetivo, *@transmidia* trata-se de um produto jornalístico, que permaneceu *online* a cada atualização com o propósito de observar parâmetros da interatividade por meio de testes de linguagens.

Palavras-chave:

Jornalismo Online. *Instagram*. Jornalismo com Perspectiva de Gênero. Redes Sociais. Transexualidade.

Introdução

O artigo discute a pesquisa empírica envolvendo jornalismo com perspectiva de gênero no *Instagram*, a qual testou formatos narrativos até então não explorados nesta plataforma digital para produzir conteúdo jornalístico. O estudo partiu de alguns pressupostos: 1) a importância do uso de redes sociais digitais à comunidade transexual, pois são canais pelos quais a pessoa transexual se politiza sobre sua identidade de gênero e também milita; 2) as mídias digitais são canais utilizados por países da América Latina e América do Norte (Argentina, Colômbia, Brasil, Paraguai, Chile, Peru, Uruguai, Bolívia, México, Canadá e Estados Unidos)¹ para desenvolver jornalismo com perspectiva

1 'A Network of Journalism with a Gender Perspective Is Born' Disponível em <http://www.the-dawn-news.org/2016/08/16/a-network-of-journalism-with-a-gender-perspective-is-born/> Acessado em 28 ago. 2018.



de gênero; 3) a falta de reconhecimento pelo jornalismo local e regional da comunidade trans de Ponta Grossa, cidade no interior do Paraná, onde desenvolveu-se a pesquisa; 4) a potencialidade de testar e desenvolver peças multimídias e narrativas convergentes com conteúdo jornalístico compondo hipertextos na plataforma *Instagram*.

Frente a essas percepções, desenvolveu-se, ao longo do ano de 2017, o trabalho de conclusão de curso para a obtenção do bacharelado em Jornalismo, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), denominado *@transmidia: perfil jornalístico no Instagram com pautas sobre a transexualidade*². O desafio do projeto foi trabalhar com três pilares de forma a triangular conceitos, experimentações e aplicação no produto *@transmidia*, sendo eles: estudos de gênero; narrativa jornalística hipertextual e multimídia; e mídias sociais, em especial *Instagram*.

A pesquisa teve como objetivos: criar um canal jornalístico adaptado ao *Instagram*, com pautas temáticas do movimento trans, buscando a inserção do reconhecimento da pessoa trans na produção do conteúdo jornalístico; e testar as potencialidades dessa plataforma na produção de conteúdo jornalístico. A fundamentação teórica compreendeu conceitos de jornalismo em convergência, o uso de redes sociais digitais, narrativa hipertextual e peças multimídias pela perspectiva dos autores: Barbosa (2014), Botão (2013), Canavilhas (2014), Ferrari (2010), Jenkins (2009), Landow (1992), Mattos (2013), Salaverria (2014), além de estudos de gênero, transexualidade e suas principais demandas sociais, discutido por Bento (2008). A pergunta norteadora foi: Como é possível utilizar o *Instagram* para produzir conteúdo jornalístico multimídia com pautas voltadas à comunidade trans, promovendo seu reconhecimento? Para isso, a pesquisa envolveu a publicação das postagens e o retorno dos seguidores.

Bento (2008) compreende a transexualidade como quebra da imposição de padrões biológicos e reivindica o gênero em discordância com o corpo-sexuado. Nesse sentido, a autora reforça o alto nível de mistificação do fenômeno trans imposto pela sociedade, cultura e literatura médica, como um movimento contrário à normalidade. Para Bento (2008), a transexualidade se dá por um processo natural de identificação de gênero que atravessa restrições impostas desde a infância, pela família, pelas escolas e por instituições sociais, como o jornalismo.

Mulheres e Homens transexuais são um dos subgrupos que contemplam a comunidade de LGBTQ+³, que possuem a identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento e, por isso, transcendem as definições convencionais de sexualidade (MARTINS, 2010). Dados revelam a intolerância com as pessoas trans, que acabam julgadas por estereótipos transfóbicos alinhados à heteronormatividade. Dentro da comunidade LGBTQ+, os/as transexuais ganham relevância neste trabalho por conta de situações sociais que os/as discriminam e os/as excluem completamente, como apresenta Jesus (2012, p.2):

2 “transmídia (@transmidia) • Instagram photos and videos.” Disponível em <<https://www.instagram.com/transmidia/>>. Acessado em 28 ago. 2018.

3 A sigla LGBTQ+ corresponde ao grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, *Queer*. O símbolo + é utilizado para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

No que se refere ao seu cotidiano, as pessoas transgênero são alvos de preconceito, desatendimento de direitos fundamentais (diferentes organizações não lhes permitem utilizar seus nomes sociais e elas não conseguem adequar seus registros civis na Justiça), exclusão estrutural (acesso dificultado ou impedido a educação, ao mercado de trabalho qualificado e até mesmo ao uso de banheiros) e de violências variadas, de ameaças a agressões e homicídios, o que configura a extensa série de percepções estereotipadas negativas e de atos discriminatórios contra homens e mulheres transexuais e travestis denominada transfobia.

A comunidade enfrenta problemas de reconhecimento e respeito aos seus direitos. Algo que também evidencia a discriminação e o discurso de ódio. Em 2016, mais de 1,8 mil pessoas da população LGBTQ+ denunciaram violações de direitos humanos por meio do Disque 100, de acordo com a Secretaria Especial de Direitos Humanos. No mesmo ano, foram registradas 343 mortes da comunidade no país, sendo 144 pessoas transexuais e travestis. Em 2017, foram 191 mortes de pessoas trans, dado que corresponde a 42,9% do total de 445 mortes da comunidade LGBTQ+, vítimas de homotransfobia, sendo 387 assassinatos e 58 suicídios. Na maioria dos casos, os crimes envolvem morte por asfixia, pauladas, facadas, tiros e pedradas. Os dados fazem parte dos relatórios do Grupo Gay da Bahia (GGB)⁴.

Em alguns casos, pessoas transexuais utilizam a rede social *Instagram* com intuito de realizar *posts* de militância. A rede social se apresenta como um espaço de circulação de fotografias acompanhadas de legendas informativas. Por isso, pode ser considerada como uma ferramenta/plataforma em prol da visibilidade de questões, trocas de experiências e conscientização social. Aliada ao jornalismo, a rede social colabora na organização e distribuição de conteúdo, além da interatividade pela disponibilidade de ferramentas, que podem contribuir na construção das narrativas.

Jornalismo online, Instagram e Jornalismo com perspectiva de gênero

Com o desenvolvimento da web, o conceito de convergência ganhou maior destaque dentre as discussões no jornalismo, no qual o meio digital se tornou um espaço viável de oportunidades àqueles que buscam difundir algum conteúdo *online*. “Nos últimos dez anos, o cenário das comunicações sofreu significativa mudança estrutural devido ao desenvolvimento tecnológico que contribuiu para o surgimento de um ambiente de convergência midiática” (MATTOS, 2013, p.178). Isso implica que o jornalista também “é potencialmente um designer de experiência: ele não apenas ‘escreve o texto’, mas é a figura também capaz de modelar a narrativa em camadas, com equipes

⁴ Relatório Grupo Gay da Bahia (GGB) – ‘Pessoas LGBT mortas no Brasil’, 2017. Disponível em <<https://grupogaydabahia.com.br/2018/01/18/brasil-campeao-mundial-de-crimes-lgbt-fobicos/>>. Acessado em 22 jul. 2018.

humanas e robôs, tendo como objetivo uma experiência narrativa centrada nos usuários” (BERTOCCHI, 2014, p.13). De acordo com a autora, o usuário final precisa ser visto dentro do sistema narrativo e também fora dele, quando a interação por redes digitais sociais e guias de buscadores se torna um agenciamento necessário para o estabelecimento do jornalismo *online*.

A linguagem multimídia, espontânea e sem limitação de espaço, é uma das principais características que englobam o trabalho do jornalismo online. Em uma única publicação jornalística, o conteúdo multimídia se compõe pela utilização de dois ou mais recursos como “texto, fotografia, iconografia e ilustração, gráficos, vídeos, animação digital, discurso oral, música e efeitos sonoros, vibração” (SALAVERRÍA, 2014, p.38). Além da estruturação do conteúdo, deve-se reconhecer também as mudanças de consumo. “(...) os usuários não veem qual é a manchete e, tampouco, os principais assuntos destacados na primeira página *online* pelos jornalistas” (AGUIAR; BARSOTTI, 2017, p.3). As páginas principais dos veículos de comunicação com oferta de uma ‘cardápio’ noticioso são substituídas por uma distribuição dirigida por algoritmos das redes digitais sociais, que utilizam critérios geográficos e comerciais (AGUIAR; BARSOTTI, 2017). Ou seja, o direcionamento do conteúdo por plataformas de mídias digitais também proporciona diferentes leituras.

Na construção dos blocos informativos em mídias digitais, a imersão dos usuários acerca da hierarquização *online* apresentada se torna fundamental para que não haja desistências no meio da leitura. Ou seja, os diferentes caminhos de leitura precisam estar definidos ao público, seja por *links* ou combinações estéticas. Além disso, os parágrafos não podem ser extensos, assim como as produções em vídeo (CANAVILHAS, 2014). No contexto das redes sociais, além da mudança na construção e organização dos textos, também há novas características para produções em vídeo, com tempos de exibição mais curtos e modos de repetição.

Outros veículos encontram novos formatos de apresentação na *web*, por meio de *sites* e *blogs* jornalísticos, e iniciam um processo de transmutação para *tablets* e *smartphones*, que possuem acesso à rede e são processadores de conteúdos multimídia (BO-TÃO, 2013). São narrativas circunscritas entre âmbitos do quarto e quinto estágio do jornalismo (BARBOSA, 2013) propostos no contexto móvel.

Neste contexto, as mídias móveis, especialmente smartphones e tablets, são os novos agentes que reconfiguram a produção, a publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas. As mídias móveis são também propulsoras de um novo ciclo de inovação, no qual surgem os produtos aplicativos (apps) jornalísticos para tablets e smartphones (BARBOSA, 2013, p.42).

A rede social *Instagram* começou como um aplicativo móvel para o compartilhamento de fotografias e já se tornou um canal de publicação para jornalistas e produtores de conteúdo (de fotos, vídeos e texto). Em 2017, o *Instagram* organizou uma

página exclusiva à imprensa⁵ para servir como uma assessoria de novidades dentro da plataforma. Há uma linha do tempo com os principais lançamentos desde 2012, junto a descrições de seus recursos disponíveis para a publicação, como *boomerang*, *hyperlapse* e *layout*. Esses recursos ampliam os modos de publicações, pois oferecem a possibilidade de integrar mais fotografias ou vídeos em um único post.

A rede Instagram oferece aos usuários a possibilidade de publicar fotografias e vídeos, texto para legendas e áudio para produções em vídeo respectivamente. “Uma característica dos sites de redes sociais é a possibilidade que oferecem de inserção de conteúdos de diferentes formatos midiáticos nos perfis” (AQUINO, 2010, p.2). Além disso, os usuários podem curtir e comentar as publicações através de um espaço de interatividade, o que também se relacionado com as características hipertextuais.

Compreende-se que a aproximação da rede *Instagram* com o jornalismo surge na relação de seus formatos de publicação oferecidos, como a foto e o vídeo, a apropriação de veículos comunicacionais dentro da rede social e, por fim, o engajamento de um público que circula/consome informação. Torna-se possível abrir espaço também para se discutir os usos jornalísticos na rede social. Por meio de uma nova narrativa digital, Ferrari (2010, p. 87) acredita que “as redes de movimentos sociais se utilizam da possibilidade que oferecem as redes tecnológicas, de troca horizontal de informação, para fortalecer suas estratégias de conquista de espaço na sociedade”. Por esse novo viés de compartilhamento e troca informacional, assuntos que, ainda são consideradas ‘tabus’ na sociedade, já estão sendo debatidos por pessoas da própria comunidade dentro da esfera virtual.

A produção jornalística com perspectiva de gênero e recorte em transexualidade ganha visibilidade em produções acadêmicas. É o caso do web documentário jornalístico intitulado “Transgressões”⁶. Um trabalho apresentado em 2015, no curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Segundo as autoras Siqueira, Niccoli & Alveti (2015, p. 2) “a realidade dos indivíduos transgêneros no Brasil, de acordo com as entrevistas em profundidade realizadas, é de invisibilidade social”. Dividido em seis blocos temáticos, questões sobre saúde, educação e trabalho, relacionamentos e sexualidade, segurança e preconceito, direitos e ativismo social e família e infância foram debatidas. Os seis temas foram escolhidos após resultados de uma análise de recepção dos conteúdos midiáticos relacionados a gênero e indivíduos transgênero. Por meio da observação, foi possível identificar que os esses indivíduos dificilmente são retratados pela mídia (SIQUEIRA; NICOLLI; ALVETTI, 2015). A pesquisa ainda revelou que as principais questões abordadas pela mídia eram, geralmente, relacionadas às drogas e prostituição.

A transexualidade se desdobra principalmente por meio de documentários independentes dispostos na web. De certa maneira, a questão e sua complexidade ainda permanecem fora do debate massivo e faz com que o público dessa comunidade tenha poucos canais exclusivos para encontrar esclarecimento. No âmbito do jornalismo,

5 “Instagram Press.” Disponível em <<https://instagram-press.com/>>. Acessado em 28 ago. 2018.

6 “Transgressões Webdocumentário” Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCtYm-bo3sOAqGDBHA14L63hA>>. Acessado em 27 ago. 2018.

em um levantamento, em 2017, de vídeos publicados no *YouTube*, foram encontradas apenas matérias fragmentadas de reportagens transmitidas por canais de televisão.

O processo de aceitação e descoberta de uma pessoa transexual pode ser mais esclarecedor quando há informação sobre o tema disposto. Pessoas transexuais possuem narrativas de dúvidas, angústias, solidão e de um medo constante de rejeição. Nos relatos, mostram que sentem dificuldades em falar de seus conflitos já que, muitas vezes, não sabem nem como nomeá-los (BENTO, 2008). A falta de esclarecimento e as imposições de gênero, desde a infância, pela família e outras instituições são um dos principais motivos para a quebra do entendimento.

Nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros. Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade. E como as práticas sexuais se dão na esfera do privado, será através do gênero que se tentará controlar e produzir a heterossexualidade (BENTO, 2008, p.41).

A sociedade em redes digitais proporciona transformação de espaço, tempo, trabalho e cultura, que está marcada pela crise do patriarcado, substituição de políticas e a globalização de lugares e pessoas. Nesse contexto apresentado por Castells (2015), grupos minoritários ganham poder em uma comunicação horizontal. A função jornalística aliada aos movimentos sociais e tecnologias digitais encontra um contexto profícuo para a abordagem de produções. Alves (2006, p.97) explica que “ao transferir-se para a *internet*, o velho jornalismo-produto se transforma num jornalismo-serviço”. Com tais reflexões, como ponto de partida, o trabalho seguiu em desenvolvimento na plataforma digital.

A construção de @transmidia: a pauta piloto

O endereço no *Instagram* disponível como @transmidia foi selecionado após perceber a disponibilidade desse nome de usuário na rede social, que fora encontrado, durante a pesquisa documental, de maneira semelhante em outras produções que envolviam a temática do estudo. O título pareceu eficaz por compilar as relações da proposta da pesquisa envolvendo comunidade transexual e visibilidade midiática por meio do jornalismo. O primeiro passo foi a produção experimental de um conteúdo piloto no *Instagram* já com o propósito de construção do perfil intitulado @transmidia. O desafio era testar novos formatos e abordagens de publicação oferecidas pela rede social *Instagram* por meio de blocos temáticos constituídos de peças jornalísticas. Com a construção da plataforma no *Instagram* houve um teste prático dos formatos da rede social para publicação. Decidiu-se na experimentação trazer a realidade *drag queen*⁷, em Ponta Grossa/PR, justamente com o propósito de diferenciar esse movimento ar-

⁷ Associa-se o ser drag ao trabalho artístico de uma elaboração caricata de um corpo feminino por meio performático, com dança e dublagem (CHIDIAC, OLTRAMARI, 2004).



Figura 1 - Álbum multimídia apresenta performances *drags*.
 Print screen da @transmidia no Instagram em 14 de julho de 2018.

tístico da transexualidade.

Dois estudantes permitiram registrar a preparação da montagem de seus respectivos personagens *drags* e a apresentação que iriam realizar na sede da Organização dos Advogados do Brasil de Ponta Grossa (OAB-PG), no dia 17 de maio de 2017, durante a programação do Dia Internacional de Combate à Homofobia. A cobertura jornalística, acompanhada da coleta de materiais audiovisuais e respectiva edição, possibilitou experimentar formatos de linguagem do *Instagram* conjugando elementos do jornalismo, e propor um modelo de pauta moldado à rede social, com uma estrutura adequada aos ideais do trabalho.

A pesquisa exploratória apontou a necessidade de elaborar um roteiro de publicação contendo além da estrutura da pauta, o processo de construção do conteúdo. Desenhou-se um modelo com os dados levantados, fontes consultadas, proposta de cobertura, planejamento das peças jornalísticas com os formatos adequados para condensar o conteúdo informativo (texto, imagem, áudio, audiovisual, infografia) e disposição do conteúdo para publicação na rede social. A produção experimental foi um trabalho de criação, elaboração e de tentativas com acertos e erros, e contribui nos outros processos.

As divisões de informações para cada formato foram experimentadas via testes variáveis até atingir um efeito desejável, já que o trabalho propôs formatos narrativos diversificados na rede social. Por isso, atentou-se em evitar efeitos incoerentes pelas oportunidades que a plataforma oferece. No momento das abordagens e das entrevistas



Figura 2 - Resultado da produção experimental. *Print screen da @transmidia no Instagram em 06 de agosto de 2017.*

foi necessário estabelecer pontos de destaque para texto, imagem, áudio e audiovisual. Algumas informações ficariam dispostas em grafias, outras em imagens, pois as representavam melhor. Esse processo de divisão fez parte do percurso para a construção da narrativa. Foi preciso elaborar roteirização prévia antes de cada abordagem. Ainda na primeira pauta e bloco informativo, incluiu-se a apresentação de um glossário de termos utilizados no trabalho com base no Manual de Comunicação LGBT. Tratou-se de uma adaptação semelhante ao glossário de gêneros desenvolvido pelo canal GNT como complemento de uma reportagem intitulada 'Liberdade de Gênero'⁸.

8 'Glossário de gêneros - Liberdade de Gênero - Programas - GNT'; 5 out. 2016, Disponível em <<http://gnt.globo.com/programas/liberdade-de-genero/materias/glossario-de-generos.htm>>. Acessado em 7 ago. 2017.

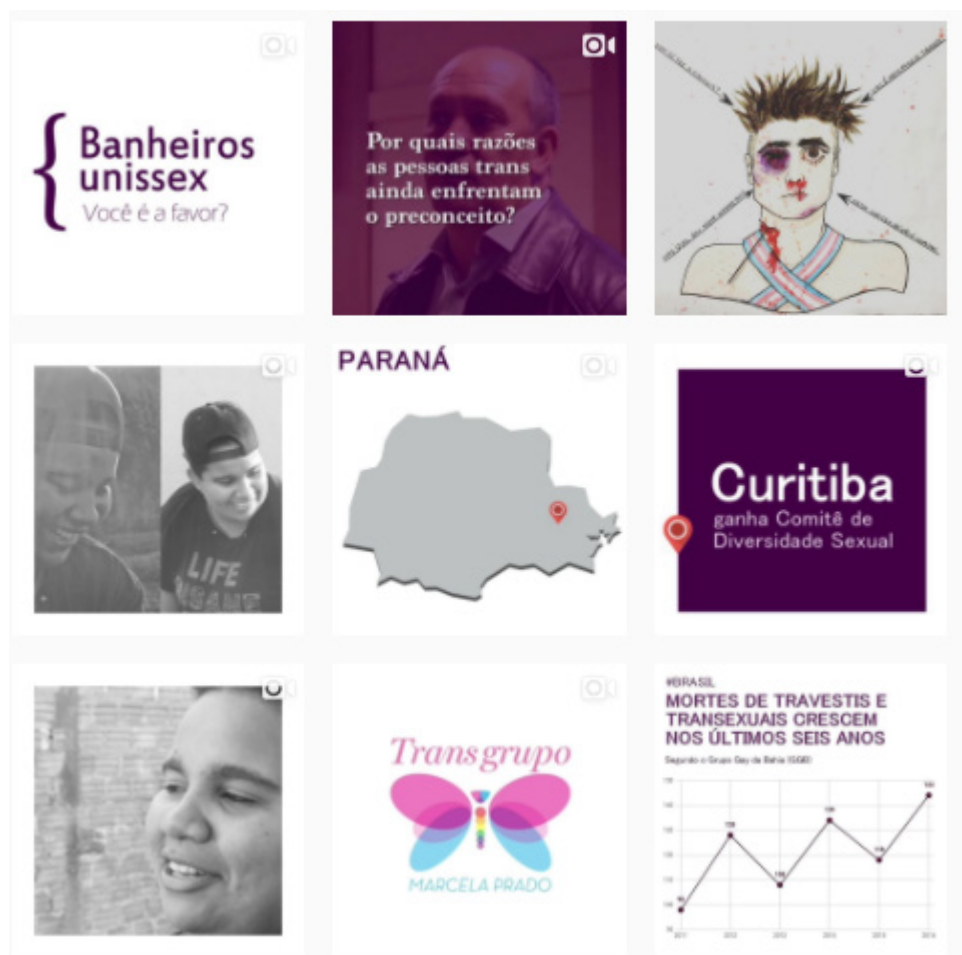


Figura 3 - Resultado do segundo bloco informativo. *Print screen da @transmidia no Instagram em 09 de outubro de 2017.*

Após as publicações das duas produções experimentais, que formaram o primeiro bloco informativo sobre *drags* e glossário de termos, observou-se a eficácia da rede social como plataforma para a veiculação de peças jornalísticas. Um segundo perfil particular foi criado na rede social para publicação dos conteúdos nas suas versões de teste com o objetivo de observar erros, acertos e realizar atualizações no perfil efetivo.

@transmidia: pautas, formatos e narrativas

A seleção das pautas teve como norte a discussão teórica sobre questões de gênero e transexualidade, convergência do Jornalismo e multimídia além de potencialidades do *Instagram*. A preocupação era atender esses três pilares de forma orquestrada e harmônica sem desviar do objetivo de incorporar o reconhecimento da comunidade trans no discurso jornalístico. Foram definidos assuntos como as dificuldades de pessoas trans na formação escolar, políticas públicas, cirurgia de redesignação e retificação do nome social. Abordou-se o acolhimento familiar e banheiros sem identificação de gênero. A construção de linguagem hipertextual jornalística se deu pelo conjunto de blocos temáticos, que foram constituídos por peças jornalísticas multimídia, acompanhadas sempre de legendas e com espaço para interatividade. Compreendeu-se que o *Instagram* oportuniza a publicação de conteúdo jornalístico com novas variáveis e que, de certa forma, escapa do tradicionalismo. Trata-se até mesmo de uma característica almejada dentre outros conteúdos observados na rede social por veículos de comunicação.

Quadro 1 - Pautas e planejamento do segundo bloco informativo

PAUTA: Divulgação de enquete sobre a inclusão de banheiros sem gênero nas universidades

FORMATO: Vídeo

LEGENDA: [Para votar], acesse ao link da enquete disponível no perfil da @transmidia A inclusão de banheiros sem gênero no espaço público ganha destaque nas discussões, principalmente em universidades e escolas. O reconhecimento das demandas de transexuais, investigadas pela @transmidia no Instagram, fomentam o desenvolvimento desta enquete. O resultado será divulgado até 20 de outubro, na rede social. Acompanhe e deixe seu comentário! #transmidia #unissex #genero #enquete

FONTES: *Sem fontes*

PAUTA: Cobertura da palestra de Toni Reis, diretor do Grupo Dignidade, durante evento na UTFPR

FORMATO: Vídeo

LEGENDA: Toni Reis é professor e ativista pelos direitos humanos. Em 1992, foi um dos fundadores do Grupo Dignidade, a primeira organização da sociedade civil paranaense e a segunda da região sul voltada para a promoção e defesa dos direitos humanos da comunidade LGBT. Ele participou da II Semana de Ciência, Gênero e Tecnologia, promovida pelo @coletivomariecurie na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), de 15 a 19 de agosto, em Ponta Grossa. Durante o evento, apresentou as principais questões do movimento em prol da diversidade. #transmidia #transexuais

#preconceito #LGBT

FONTES: Toni Reis, Coletivo Marie Curie

DADOS: Preconceitos surgem da cultura heteronormativa

PAUTA: Ilustração sobre preconceitos velados

FORMATO: Imagem

LEGENDA: Pessoas trans enfrentam preconceito direto, com agressões e ofensas, quando se posicionam. Além disso, se deparam com preconceitos velados e ouvem perguntas e comentários que ferem mais que ações, como demonstrado na ilustração acima. Ilustração de @estivalletti #transmidia #transexuais #art #preconceito

FONTES: Jennifer Nogueira

DADOS: Muitas perguntas realizadas às pessoas trans podem revelar preconceitos velados

PAUTA: Perfil de Henry Miguel Mathias

FORMATO: Vídeo

LEGENDA: No convívio familiar, henrymiguelmathias se apresentou como lésbica, primeiramente. Aos poucos, revelou sua verdadeira identidade trans quando decidiu mudar seu nome. Com 23 anos, @henrymiguelmathias sonha em ser engenheiro. Ele acredita que o preconceito existe no mercado de trabalho, mas considera a sua liberdade como o maior princípio. Saiba mais em #henrytransmidia #transmidia #perfil #preconceito #homemtrans #LGBT

FONTES: Henry Miguel Mathias

DADOS: Além do preconceito com a identidade, pessoas também sofrem o racismo

PAUTA: Ações do Transgrupo Marcela Prado

FORMATO: Vídeo

LEGENDA: O Transgrupo Marcela Prado fica na Avenida Mal. Floriano Peixoto, número 366, CJ 47, no centro de Curitiba. O telefone para contato é 41 3322-3129. As inscrições para o projeto "Tô passada" podem ser realizadas pelo e-mail [projetopassada@gmail.com]. As aulas acontecem das 18h15 às 21h, durante a semana. Saiba mais em #transmidiaemcuritiba #transmidia #transgrupo #marcelaprado #trans #transexuais #curitiba

FONTES: Transgrupo Marcela Prado

DADOS: Transgrupo Marcela Prado realiza ações e serviço à comunidade

PAUTA: Panorama de Curitiba/PR

FORMATO: Vídeo

LEGENDA: O jornalista Allan Johan @allanjohan, fundador da primeira revista LGBT @revistaladoa, assumiu a coordenação do Comitê de Diversidade Sexual, lançado em março de 2017, pela Comissão Municipal de Direitos Humanos (CMDH), em Curitiba. Segundo o jornalista, uma de suas metas é o desenvolvimento de mais políticas públicas para pessoas trans na cidade. Saiba mais em #transmidiaemcuritiba #transmidia #curitiba #trans #transexuais #direitoshumanos #LGBT #diversidade

FONTES: Allan Johan

DADOS: Quatro assassinatos de travestis e transexuais registrados, em Curitiba/PR, até o momento da entrevista

PAUTA: Perfil de Henry Miguel Matheus

FORMATO: Vídeo

LEGENDA: No convívio familiar, henrymiguelmathias se apresentou como lésbica, primeiramente. Aos poucos, revelou sua verdadeira identidade trans quando decidiu mudar seu nome. Com 23 anos, @henrymiguelmathias sonha em ser engenheiro. Ele acredita que o preconceito exista no

mercado de trabalho, mas considera a sua liberdade como o maior princípio.

Saiba mais em #henrytransmidia #transmidia #perfil #preconceito #homemtrans #LGBT

FONTES: Henry Miguel Mathias

PAUTA: Parcerias do Transgrupo Marcela Prado

FORMATO: Vídeo

LEGENDA: Marcela Prado foi uma militante trans do Nordeste, que veio trabalhar na prostituição, em Curitiba, na década de 1980. Em 94, ela começou a trabalhar como voluntária no Grupo Dignidade (segunda ONG LGBT mais antiga do Brasil) com atividades específicas às pessoas trans. Muito reconhecida localmente, foi presidente da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra). Em 2004, ela faleceu. Como homenagem, o @transgrupo Marcela Prado foi fundado em 18 de outubro de 2006, com promoção do Grupo Dignidade.

Saiba mais em #transmidiaemcuritiba #transmidia #transgrupomarcelaprado #marcelaprado #trans #transexuais

FONTES: Transgrupo Marcela Prado

DADOS: Histórico do Transgrupo Marcela Prado

PAUTA: Mortes de Travestis e Transexuais, no Brasil

FORMATO: Infográfico

LEGENDA: O Brasil é o país que possui o maior número de mortes de travestis e transexuais do mundo. O risco de uma pessoa trans ser assassinada é 14 vezes maior que um gay, por exemplo. Em 2016, 144,42% das vítimas LGBT no país foram pessoas trans, com 11 mortes no Paraná. Na maioria dos casos, os suspeitos não são identificados e as testemunhas evitam depor. GGB é a ONG LGBT mais antiga da Brasil e acompanha sistematicamente o número de vítimas. “Travestis geralmente são assassinadas a tiro ou espancadas na rua, enquanto gays são mortos dentro de casa, com objetos domésticos: facas, fios elétricos, sufocados na cama, muitas vezes encontrados pelos vizinhos somente pelo odor do corpo já em putrefação”, de acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB). #transmidia #travestis #transexuais #grupogaydabahia #LGBT #brasil

FONTES: Grupo Gay da Bahia

DADOS: Evolução de mortes de 2011 a 2016, no Brasil

Como exemplo, o bloco estruturado pelo Quadro 1 descreve os formatos, dados. Em vídeo, foram publicados relatos do entrevistado Henry Miguel Mathias, as ações do Transgrupo Marcela Prado, uma entrevista com o novo coordenador do Comitê de Diversidade Sexual da cidade de Curitiba/PR. Como animação, houve a publicação das dez parcerias do Transgrupo Marcela Prado e o convite para a participação do público em uma enquete sobre banheiros sem gênero. Uma ilustração também foi publicada, com o intuito de apontar preconceitos velados enfrentados por pessoas trans. As frases foram retiradas de depoimentos de pessoas trans, quando questionadas durante o processo de apuração. Há ainda um infográfico apresentando o aumento no número de mortes de pessoas trans e travestis no país de 2011 a 2016, no Brasil.

O segundo bloco reuniu sete pautas que se dividiram em outros *posts*. Essas divisões fundamentaram o proposto combinado de peças sobre temas ou discussões dentre outros quadrantes na rede social. Como estratégia de união, houve a utilização de símbolos repetidos em cada quadrante, com o objetivo de criar um elo entre essas peças durante a leitura de todos os conteúdos dispostos na *timeline* do perfil. É o caso do vídeo sobre o Transgrupo Marcelo Prado, que inicia com o mapa do estado do Paraná e o marcador geográfico na cidade de Curitiba/PR. Esse mesmo marcador foi



Figura 4 - Resultado do terceiro bloco informativo. *Print screen da @transmidia no Instagram em 09 de outubro de 2017.*

incluído em outra peça informativa, sobre as mobilizações realizadas na cidade. Foram duas pautas que se combinaram pela geolocalização, possibilitando complementar o entendimento de ambos os contextos. Outra estratégia de combinação ocorreu entre os relatos do entrevistado Henry Miguel Mathias, utilizando como elemento identificador a estética em preto e branco. E na utilização de uma única trilha sonora ligando as pautas sobre as ações do Transgrupo Marcela Prado e suas parcerias, em que a @transmidia também se apresentou como uma instituição parceira. Foi uma estratégia de envolvimento e uma proposta midiática nesse âmbito.

A produção do terceiro bloco levantou pautas sobre demandas da comunidade transexual, a partir das entrevistas realizadas nos blocos anteriores. As produções

fomentaram a discussão sobre heteronormatividade, fundamentalismo religioso, relação de pessoas trans com o feminismo, classificação da Organização Mundial de Saúde (OMS), mapeamento de hospitais públicos para atendimentos específicos, retirada da discussão de gênero nas escolas, burocracia para a retificação do prenome e importância da família do processo transexualizador. A comunidade também indicou novas pautas e outros direcionamentos durante o processo de produção da @transmidia.

No último bloco, cada uma das peças manteve uma pauta única. No entanto, são vistas como informações transversais que se complementam. Foram elaborados três vídeos (com tempo de no máximo um minuto cada), acompanhados de legenda, como opção para visualização sem o áudio. Além disso, houve a publicação de um álbum (com fotografias e vídeos), um infográfico animado e uma peça em áudio. Essas peças contextualizaram as pautas de destaque do perfil e seguiram características de acordo com as informações obtidas após a apuração. Algumas pautas se desdobraram melhor em um formato, por exemplo, a entrevista com o professor do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Marcio Jose Ornat⁹, que excedeu o limite de um minuto e utilizou o recurso de álbum da rede social, permitindo a inserção de mais conteúdos multimídia em um único post. Esse exemplo ilustrou a necessidade de explorar todos os recursos oferecidos para a publicização em uma peça mais extensa.

O *post* sobre a importância da família no processo transexualizador foi utilizado apenas no formato de áudio, com características que representam a reação de 'amei' da rede social, com o símbolo de coração. Essa foi uma estratégia de divulgação, reconhecendo o recurso e uma simbologia gráfica do sentimento que se relaciona com a proposta da pauta. Além disso, o áudio em si, sem o uso de imagens, foi aplicado para se observar a usabilidade desse formato jornalístico na mídia social. A hierarquização das pautas está relacionada com a diagramação gráfica, pois o ordenamento das peças é horizontal. Para criar um encaixe entre os conteúdos e sinalizar a temática da transexualidade, um símbolo foi sobreposto dentre as peças, já que referem-se a conteúdos que possuem capas textuais e gráficas, sem muito uso de fotografias, que poderiam gerar outras estratégias combinantes.

Todas as peças do terceiro bloco informativo, assim como nos anteriores, possuem capas de abertura, que podem ser consideradas como chamadas jornalísticas na maioria dos casos. Nos vídeos, esse tipo de hierarquização faz com que as informações mais precisas sejam compartilhadas já no início, como títulos, palavras-chaves e documentos oficiais. Esse recurso foi utilizado para que o público compreenda o contexto das pautas antes de visualizá-las, com a oportunidade de escolher a ordem de leitura, de acordo com o interesse individual.

É possível se informar de maneira não-linear, pois há um enredo de informações que se completam, mas também podem ser visualizadas individualmente, ou aleatoriamente. No terceiro bloco informativo, a maioria das peças fomentam temáticas para debate, no qual o espaço de comentário é divulgado de maneira incisiva. Entendeu-se

⁹ O registro audiovisual da entrevista completa foi disponibilizado ao professor Marcio Jose Ornat, que pretende usar como material didático.

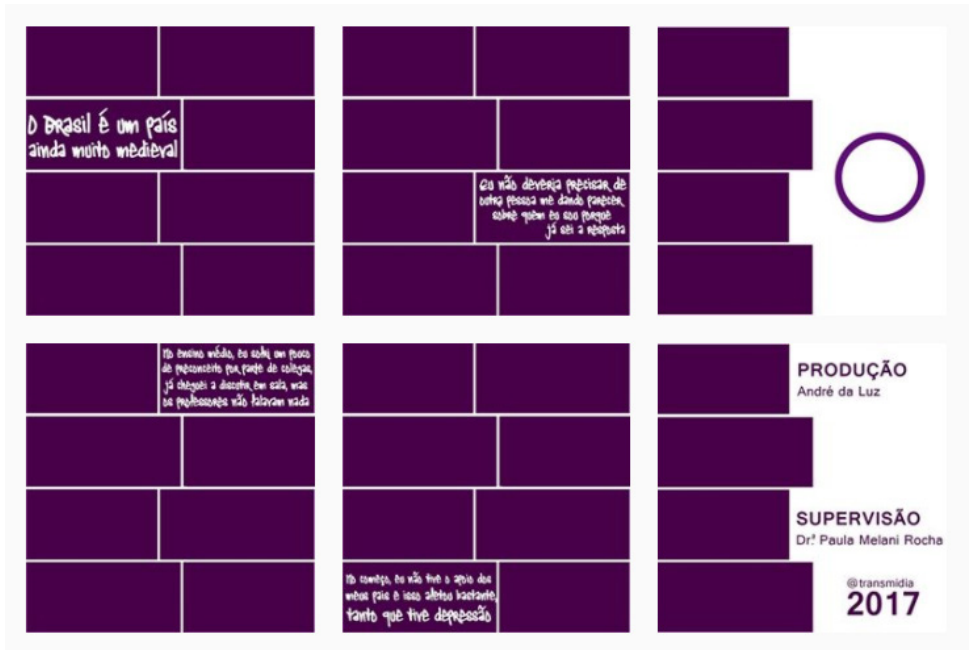


Figura 5 - Bloco de encerramento. *Print screen da @transmidia no Instagram em 09 de outubro de 2017.*

que são discussões relevantes ao tema do trabalho, dispostas em um espaço público para debate. Isto é, o conteúdo não se encerra ali. O espaço para comentário serviria como um complemento do conteúdo, seja por meio de relatos, experiências ou críticas.

Para encerrar a @transmidia, o quarto bloco demarcou a finalização da pesquisa e, de alguma maneira, buscou provocar a leitura a quem visualizasse o perfil a partir das últimas publicações. Os *posts* que ficaram dispostos no início da timeline do *Instagram*. O bloco trouxe os créditos do trabalho e divulgou relatos das fontes abordadas ao longo da apuração desta pesquisa, como uma chamada ou prévia dos blocos anteriores pautados. A hierarquização das informações criou um elo com os outros blocos e também os complementou, ao visualizar o perfil completo.

Esse bloco de encerramento cumpriu ainda um encaixe estético ao observar o conjunto de todas as peças do perfil. Foram publicadas quatro citações que contextualizam as pautas abordadas, produção, supervisão, data do projeto e a logomarca. Por fim, trouxe a sinalização do encerramento do perfil na biografia, que antes apresentava o produto e solicitava a participação do público. Com o projeto finalizado, todas as peças permanecem online para continuar fomentando discussões e também podem servir como base para futuros trabalhos científicos.

Considerações finais

As potencialidades oferecidas pelas mídias sociais digitais, em específico o *Instagram*, demonstram a eficácia na construção de narrativas de acordo com os hábitos de leitura não-lineares pelos usuários na *web*. A rede social apresenta uma estrutura viável ao jornalismo, pois dispõe ferramentas para publicação multimídia (fotos, vídeos e álbuns), interatividade (seguidores, comentários e reações), além do uso de *tags*, que favorecem o conteúdo agregado por tópicos. Em 2018, a rede social criou o 'IGTV': um aplicativo de vídeo vertical autônomo acoplado em sua plataforma. Inicialmente, a ferramenta oferece um serviço de hospedagem de vídeo de até uma hora, servindo como um canal de vídeos (semelhante ao *YouTube*). No caso, o exemplo se adequa ao consumo em dispositivos móveis, principalmente os celulares inteligentes. Trata-se de uma ferramenta que também deve ser testada por jornalistas na promoção de conteúdo noticioso em formatos audiovisuais. Durante o desenvolvimento da *@transmidia*, o recurso do *Instagram Stories* não foi utilizado, pois disponibiliza o conteúdo por apenas 24 horas - o que prejudicaria sua permanência como registro e memória na época. No entanto, também em 2018, a rede social trouxe novas opções, como a de criar destaques em publicações do *Stories*, que agora também podem ficar sempre disponíveis e salvas por tópicos específicos.

Como visto, as práticas do jornalismo *online* em convergência demandam estruturas específicas, como a linguagem multimídia e a oferta de *links* direcionados, mas também seguem em desenvolvimento devido ao cenário de atualizações das plataformas. Acompanhamentos constantes, revisões teóricas e testes são necessários para uma avaliação mais precisa do cenário midiático contemporâneo em transformação. Assim, pode-se averiguar em quais modos os conteúdos noticiosos são bem administrados e compartilhados em redes sociais digitais.

A rede social *Instagram* exigiu um esforço dentre os conhecimentos jornalísticos, já que novas narrativas e formatos foram propostos com recursos multimídia em hipertexto. Constatou-se que todos os processos se circundam e se assemelham com a prática jornalística em outras plataformas, só que com logísticas diferentes devido ao tipo de consumo, público, formas de circulação e distribuição do conteúdo. Ao testar novos formatos e narrativas, recursos usuais no jornalismo como enquetes, entrevistas e fotografias, se mantiveram no perfil e colaboraram para criar o reconhecimento da comunidade trans no conteúdo jornalístico e substanciar a convergência narrativa.

A atualização do perfil aconteceu de maneira processual. Até 10 de outubro de 2017, após cinco dias da finalização do projeto, o perfil obteve nove comentários e 409 curtidas em suas 40 publicações. Os dados comprovam a circulação e consumo do perfil, em menos um ano, e reiteram o potencial das mídias sociais para o jornalismo, sobretudo ao lidarem diretamente com a comunicação multimídia e interatividade com um público dentro das características apresentadas no jornalismo *online*.

Referências

- AGUIAR, L; BARSOTTI, A. *A invisibilidade da homepage e as mudanças no modo de leitura das notícias*. GT de Estudos de Jornalismo, Compós, 2017.
- AQUINO, M. C. *Redes Sociais como ambientes convergentes: tencionando o conceito de convergência midiática a partir do valor visibilidade*. IV Simpósio Nacional da ABCiber. 2010.
- BARBOSA, S. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, João (Org.). *Notícias e Mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis*. Covilhã: Livros Labcom, 2013.
- BENTO, B. *O que é Transexualidade*. Editora Brasiliense. 2008.
- BERTOCCHI, D. *Dos dados aos formatos: o sistema narrativo no jornalismo digital*. GT de Estudos de Jornalismo, Compós, 2014.
- BOTÃO, A. M. S. *A notícia na ponta dos dedos – As multitarefas que constroem o jornalismo digital em dispositivos móveis*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. 2013.
- CANAVILHAS, J. *Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático*. In: RENÓ, D; CAMPALANS, C; RUIZ, S; GOSCIOLA, V. *Periodismo transmedia: miradas múltiples*. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario. 2014.
- CASTELLS, M. *O poder da comunicação*. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2015.
- CHIDIAC V, M. T.; OLTRAMARI C, L. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. *Estudos de psicologia*, v. 9, n. 3, 2004.
- FERRARI, P. *Hipertexto, hipermissão: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo. Contexto. 2010.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4ª edição. São Paulo. Atlas. 1994.
- JESUS, J. G. de. *Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária*. VI Congresso internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH. 2012.
- LANDOW, G. P. *Hipertexto*. La convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología. Ediciones Paidós Ibérica y Editorial Paidós. ISBN: 84-493- 0186-6. 1992.
- MARTINS, F; ROMÃO, L. et all (org). *Manual de Comunicação LGBT. LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS*. Curitiba, Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda, 2010.
- MATTOS, S. *A revolução digital e os desafios da comunicação*. Cruz das Almas: UFRB. 2013.
- SALAVERRÍA, R. *Multimedialidade: Informar para cinco sentidos*. In: CANAVILHAS, J. (org). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom. 2014.
- SIQUEIRA, M; NICOLLI, L; ALVETTI, C. *Transgressões: O Webdocumentário Jornalístico Como Representação de Indivíduos Transgêneros*. Intercom. 2015

@transmidia: the potential of digital social network in journalistic production with a gender perspective**Abstract**

The reflection discusses the appropriation of the social network Instagram by the practice of journalistic production with a gender perspective, aimed at a niche still with demands in the field: the transsexual community. @transmidia is the result of an applied research in Journalism, developed during the year 2017, which was based on concepts of online journalism, digital media and gender studies. The objective was to test the potential of production and publicity of synchronized contents in networks, with format and convergent narratives tests in the constitution of four blocks of journalistic agendas. The study pointed out the possibilities that the Instagram can provoke in the field of journalism, above all in humanizing information and propitiating the public debate on transsexuality, free of stereotypes. With this objective, @transmidia is a journalistic product, which remained online with each update in order to observe parameters of interactivity through language tests.

Keywords

Online Journalism. Instagram. Journalism with a gender perspective. Social networks. Transsexuality.

Sobre os autores

André Luiz Lucas da Luz. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduado em Jornalismo pela UEPG. andrelldaluz@gmail.com

Paula Melani Rocha. Professora do Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora da graduação em Jornalismo da UEPG. Pesquisadora colaboradora do LabJor/UNICAMP. Coordena o grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero (CNPq). paulamelani@gmail.com